
Cordel como mídia informativa alternativa e resistente: o poeta-repórter na cobertura da destituição da presidente Dilma Rousseff¹

Alberto Magno Perdigão Silveira²
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

O artigo se localiza no campo das políticas e estratégias de comunicação, tendo como tema a literatura de cordel como mídia informativa relativamente invisibilizada, alternativo e de resistência. Apresenta revisão bibliográfica sobre as especificidades do fazer jornalístico de poetas repórteres, notadamente em relação à elaboração de pautas e de narrativas. E analisa as representações que fazem esses poetas-repórteres sobre a disputa de narrativas que estabelecem com a mídia tradicional, bem como sobre o papel que desempenharam na cobertura da destituição da presidente Dilma Rousseff.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel; poeta-repórter; impeachment; golpe; Dilma Rousseff.

Introdução

O presente artigo se localiza no campo das políticas e estratégias de comunicação, tendo, como tema, a literatura de cordel como mídia informativa, aqui considerada, como premissa, um tipo de suporte midiático relativamente invisibilizado, alternativo, de resistência, quando comparado com os meios informativos tradicionais, como o jornal e a revista, e rádio e a televisão, e os portais de notícias da internet.

É a segunda produção acadêmica do gênero iniciada em 2018, a partir de uma pesquisa que abrangeu revisão bibliográfica sobre o cordel como mídia informativa e que considerou, como amostra, oito folhetos publicados por poetas-repórteres, no estado do Ceará, entre 2017 e 2018, e que trazem a cobertura, para usar um termo jornalístico, realizada sobre o processo que culminou na destituição da presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

No primeiro artigo, analisaram-se o caráter jornalístico do cordel e o conteúdo informativo dos folhetos da amostra, segundo as seis respostas do *lead* proposto por

¹ Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e-mail: aperdigao13@gmail.com.

Harold Lasswell. Desta feita, analisam-se as representações que fazem os poetas-repórteres dos referidos folhetos a respeito do papel que desempenharam na cobertura daquela destituição.

Faça-se um parêntese, nesta introdução, e atente-se, desde já, para o caráter alternativo e resistente da cobertura. Em sete dos oito folhetos da amostra, como visto no artigo anterior (veja em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1923-1.pdf>), os poetas-repórteres noticiam o que consideraram um golpe parlamentar como a participação da Justiça e da imprensa, contrapondo-se, assim, à narrativa hegemônica dos meios tradicionais, que apresentava, majoritariamente, a versão de que a destituição seria resultado de um *impeachment*.

O artigo tem como objetivo analisar as falas dos poetas-repórteres, aqui entendidos como atores diretamente envolvidos da disputa de narrativas mencionada. Assim, espera-se responder a contento a pergunta de partida, sobre o que pensam os poetas-repórteres acerca da cobertura jornalística da destituição e o papel que desempenharam no processo. E, finalmente, aferir validade, ou não, à hipótese de que os poetas-repórteres têm consciência do papel político que desempenharam na referida cobertura.

Antes entretanto, o artigo oferece alguns aspectos conceituais relacionados ao poeta-repórter e o seu mister, notadamente às diferenças e semelhanças que se podem estabelecer em relação os jornalistas da mídia tradicional, com ênfase na escolha da pauta e na elaboração das narrativas.

Poetas-repórteres, noticiabilidade e notícia

O cordel de circunstância tem uma existência e um lugar que lhe são próprios, específicos, e que, assim sendo, identificam-no como um dispositivo midiático diferente de outras mídias informativas impressas, como o jornal e a revista. A existência aqui

referida diz respeito à forma que apresenta, aos conteúdos que aborda e à linguagem que adota, que é poética, com estrofes de versos rimados e métrica definida.

O lugar se refere ao lugar de fala na esfera pública, onde se dá a disputa de narrativas; ao ambiente onde ocorrem as problematizações, discussões, consensos e deliberações; ao locus por onde circula a informação, onde se forma a opinião e onde surgem as atitudes; ao território onde se dá o encontro de mão dupla da informação e da expressão de poetas-repórteres e leitores, ou ouvintes, onde se dá o diálogo.

É nesse diálogo que o cordel como mídia informativa se afirma enquanto meio único, ajudando a compreender dois aspectos que definem o folheto de circunstância frente ao jornal impresso. Primeiro, não é derivado do jornal, mas é original, genuíno, não obstante as semelhanças no modo de produção, distribuição e consumo capitalistas. Segundo, não é concorrente do jornal, mas, antes, paralelo e complementar a este.

Lançando-se o olhar sobre o poeta-repórter, cujas narrativas são o interesse desta pesquisa, é possível compreender o cordel de circunstância e a distância que mantém da mídia jornal tradicional. Assim, observe-se quatro aspectos. O primeiro, a maneira com que o poeta-repórter se pauta, com relativa autonomia. O segundo são os temas que aborda, relativamente descolados dos interesses do mercado ou Estado que não lhe são clientes.

O terceiro é a identidade que mantém com o território, que representa ou mesmo de que faz parte, o que lhe amplia, relativamente, a capacidade de atuar segundo o interesse público local e em defesa dos mais fracos. E, quarto, é a linguagem opinativa que abraça, relativamente mais efetiva na emissão de juízos de valor, na decodificação/interpretação da realidade e na intermediação/avalização do que foi notícia na mídia convencional.

O poeta-repórter se pauta, decide os temas e fatos que vai abordar. Escolhe quando vai escrever a notícia, a reportagem ou o editorial, sem a obrigatoriedade do imediatismo. Elege como vai apresentar o texto, se mais informativo, interpretativo ou

opinativo, se se posicionará de forma mais contrária, neutra ou a favor. E define, ainda, para que vai escrever, que tipo de opinião e atitude ele quer estimular no leitor.

Este poeta-repórter é, a um só tempo, o chefe de reportagem, o editor, o diretor e o dono do seu veículo. Em muitos casos, é também proprietário do meio industrial de produção - especialmente, depois da popularização dos computadores, dos programas de edição de texto e das impressoras portáteis domésticas. Utiliza, entretanto, os mesmos critérios de noticiabilidade da mídia impressa convencional.

“É neste sentido que podemos considerar os folhetos noticiosos da Literatura de Cordel, tendo em mente o universo de valores de seus consumidores. F. Frazer Bond (s/d) *apud* Luyten (1992, p.38) lista quatro fatores que determinam o valor da notícia no cordel, quais sejam a oportunidade (o mais atual possível), a proximidade (ocorrem no local do leitor), o tamanho (extensão relativa) e a importância (relevância local).

Observamos também que qualquer folheto jornalístico apresenta os elementos de interesse da notícia, demonstrados por F. Fraser Bond (s/d, p. 70 -73): 1) interesse próprio; 2) dinheiro; 3) sexo; 4) conflito; 5) o incomum; 6) culto do herói e da fama; 7) expectativa; 8) interesse humano; 9) acontecimentos que afetam grandes grupos organizados; 10) disputa; 11) descoberta e invenção; 12) crime. (LUYTEN, 1992, p.38).

Sobre os temas, estes são colhidos do “mundo da vida”, para tomar emprestado tão propriamente a expressão habermasiana. Lê mídias impressas e portais de notícia na internet. Ouve emissoras de rádio, webrádio, irradiadoras fixas e móveis, e outros serviços de difusão sonora em circuito fechado. Vê emissoras de TV aberta e por assinatura, e televisão por demanda, em smart TVs, computadores e dispositivos móveis conectados à internet. está conectado em interações reais de casa e das ruas, e virtuais das redes sociais.

Os temas, diferentemente da mídia convencional, são relativamente livres. São moldados mais pela intuição do poeta-repórter e pelo desejo do seus públicos, e menos pelas imposições políticas e comerciais do empresário de comunicação e seus clientes

estatais e privados. Terra aponta na direção contrária ao afirmar que “os poetas populares são herdeiros da temática da literatura oral, e de certo modo, das cantorias que ocorriam no Nordeste desde pelo menos meados do século XIX” (1983, p.17).

Desde então, os temas tratados pelos cordelistas eram os mais variados possíveis: as aventuras de cavalaria, as narrativas de amor e sofrimento, as histórias de animais, as peripécias e diabruras de heróis, os contos maravilhosos e uma infinidade de outros, que a memória popular encarregou-se de preservar e transmitir. Aos poucos, o poeta nordestino incorporou fatos mais próximos do público, ocorridos em seu ambiente social: façanhas de cangaceiros, acontecimentos políticos, catástrofes, milagres e até mesmo a propaganda, com fins religiosos e comerciais. (BRASIL/MINISTÉRIO DA CULTURA, *on-line*).

A Casa de Rui Barbosa amplia a lista, exemplificando:

Em relação aos que chamamos *circunstanciais* ou *acontecidos*, aí abordamos acontecimentos verificados, que mereceram a atenção do poeta: uns decorrentes de fenômenos naturais – enchentes, secas, cheias; outros apresentando aspectos de repercussão social, como a chegada dos astronautas à lua, a divulgação de novelas pela televisão, raptos de moças, crimes, acidentes e desastres, o tricampeonato de futebol; tipos étnicos e figuras humanas que, emergindo em determinado momento histórico, merecem a atenção popular, e daí sua repercussão na poesia popular; descrições de cidades ou de vida urbana, conforme o poeta as viu, observando sua vivência; alguns aspectos relacionados com a sátira e a crítica, quase sempre de fundo social, ao fixar, por exemplo, a carestia, o custo da vida, a política, etc. (BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 1973, p.30).

“Em seus versos, os poetas falam da fome, da seca, das dificuldades. Versam também sobre as festas, as crendices, o cangaço, a religião” (TENÓRIO; BARBOSA; ASSIS. *On-line*, p.10-11). Neste rol infindável de temas, estão também “os desastres, as inundações, as secas, os cangaceiros, as reviravoltas políticas, alimentam o caráter jornalístico dessa produção, que chega a centenas de títulos por ano” (DIAS; ALBUQUERQUE, *on-line*, p. 12).

A identidade que mantém com o território, proporciona ao poeta-repórter ser um porta-voz deste território (LUYTEN, 1992), alguém que fala nele, para ele, com ele e

por ele. Desta forma, mais facilmente se pauta pelo interesse público, como convém ao bom jornalismo, defendendo, assim o que é direito do território. A defesa pode ser feita sob bases morais ou legais, sem que haja uma separação clara entre estas dimensões, seja por parte de quem escreve ou de quem lê.

O que é bastante compreensível; afinal, o poeta que o escreve, líder natural da comunidade, está em contato direto com seu público, vive no meio dele, não é alguma coisa distante, de fria, de estranhar, transmutada numa forma noticiosa ou numa emissão passageira. O poeta apreende um acontecimento com sua sensibilidade, empresta-lhe a perspectiva da sua cosmovisão e o retransmite numa linguagem popular, dentro do campo de referência dos seus leitores. Narra os principais fatos da sua cidade, região, país e mundo; interpreta-os; opina sobre eles; reflete e ajuda a formar a opinião pública ao seu redor. (LUYTEN, 1992, p.49).

Nesta perspectiva, a diferença do folheto de circunstância em relação à mídia convencional se reforça com a defesa que o poeta-repórter faz dos mais fracos, a defesa do que é justo. Neste ângulo, o porta-voz pode atuar pelos que têm fome e sede, pelos explorados e oprimidos por ricos e poderosos; ou pela preservação de valores da tradição, de postulados da igreja, notadamente a católica, e de instituições como a nação ou a família.

Mas o que, talvez, mais caracterize a atuação do poeta-repórter como definidora do cordel informativo é a prerrogativa que tem do uso de uma linguagem própria de caráter claramente opinativo. O poeta-repórter tem um lado, que é o lado do leitor, do que ele quer ler. É uma espécie de pacto sagrado em que o poeta-repórter é autorizado a emitir juízos de valor, desde que o faça sempre, em nome da formação de uma opinião pública segura.

Para Luyten, “no decorrer do relato jornalístico-poético, existe uma intercalação de afirmações de cunho opinativo, justamente os elementos que permitem dar continuidade ao texto, uma vez que não costuma haver ilustração interna (são raríssimos os casos) ou subtítulos” (1992, p.53). Com Galvão, “no folheto, o leitor tem toda a história em um único espaço: o

resumo dos fatos em forma de uma narrativa completa, com começo, meio e fim, e, ao mesmo tempo, a opinião/julgamento do autor” (2010, p.122).

Desta forma, o poeta-repórter é bastante autoridade para decodificar os temas e fatos do cotidiano que, uma vez analisados e sintetizados, passam então a ser compreendidos. O autor das narrativas faz a interpretação intersubjetiva da realidade, seja ela local, regional, nacional ou internacional, considerando suas perspectivas e as de seus públicos, embala-a em folhetos e a entrega nas feiras e pontos fixos de venda da literatura de cordel.

Para Galvão, “o poeta popular necessita de realizar um processo de ‘decodificação’ das notícias veiculadas nos jornais ou em outros meios de comunicação, como o rádio e, mais recentemente, a televisão, para adequá-las o universo do público de folhetos”. Ricardo Noblat (s/d) *apud* Galvão “refere-se à sensibilidade do poeta para que seja capaz de retransmitir o fato em linguagem popular e no universo dos leitores” (2010, p.108).

Característica da notícia transmitida nos folhetos é que sempre inclui o comentário apaixonado, uma vez eu a massa de leitores aos quais se dirige não é sensível ao frio objetivismo jornalístico. Quer o fato e a opinião. E os poetas-jornalistas dos folhetos de época são autênticos intérpretes do seu público: conhecem as suas idéias, sentem os seus problemas, aspiram as suas aspirações, vivem a sua vida, podem falar como êle porque são parte integrante dêle. A interpretação jornalística dos poetas do povo está ligada a essa indissolubilidade entre êles e o público; por isso é muito mais fecundo do que no jornalismo “ortodoxo”. (BELTRÃO, 1971, p.71).

Com esta mesma autorização tácita, o poeta-repórter realiza a intermediação entre o que é noticiado na mídia convencional, cada vez mais presente nos territórios onde circulam os folhetos de acontecidos. Primeiro sai na mídia, depois se completa como notícia, quando veiculado também nos folhetos. É um processo de validação ou de avaliação, que requer o leitor, da parte de quem ele efetivamente confia como jornalista.

O folheto jornalístico é o *intermediário* de um processo de comunicação social, uma vez que com frequência se utiliza de produtos prontos já veiculados por jornal, rádio ou televisão. Funciona como

elemento integrador, seu papel mais importante: o de *avalista*, o mediador entre a cultura de elite e a popular. Trata-se da confiança que o homem do povo deposita em seu líder de opinião. A decodificação do poeta dá a devida dimensão para o leitor popular a respeito do que ele pode e deve ser informado. E embora persista uma visão regionalista, a notícia segue o seu caminho de fontes seguras, por mãos experimentadas, para um público certo. (LUYTEN, 1992, p.49-50).

O papel desempenhado pelos poetas-repórteres

A pesquisa empírica de caráter qualitativo foi realizada com oito poetas-repórteres, autores de oito folhetos informativos de cordel, publicados no Ceará, entre 2016 e 2018. Em relação ao perfil da amostra, sobre o gênero dos autores, sete são homens e uma é mulher. Sobre a idade, o grupo variou entre 48 e 84 anos, sendo que seis deles estão na faixa etária entre 62 e 76 anos. Sobre a escolaridade, todos têm nível superior.

Sobre a ocupação principal, seis são funcionários públicos, quatro dos quais já aposentados, dois são artistas; nenhum deles depende financeiramente da venda dos folhetos. Sobre o local de moradia, quatro residem em Fortaleza, três moram no interior do Ceará e um no interior da Bahia. As entrevistas foram realizadas por meio do registro de áudio, na casa ou no local de trabalho do entrevistado.

Utilizou-se um questionário padrão de perguntas abertas, por meio do que se identificaram o autor e a obra, e se fizeram nove perguntas, quatro das quais são consideradas nestes estudo: 1. O que o levou a escrever o cordel? 2. Em que a sua versão sobre a destituição da presidente difere da versão apresentada pela imprensa tradicional? 3. Que versão você acha que vai ficar para a história - de *impeachment* ou de golpe? 4. Qual é a sua opinião sobre a participação da imprensa no processo de destituição da presidente?

As respostas aqui listadas são resultado de uma edição que buscou extrair um núcleo representativo do pensamento do entrevistado. Foram consideradas as respostas que claras e que contempla a pergunta. Seguem as respostas.

1. O que o levou a escrever o cordel?

“Foi escrito (por) um posicionamento de insatisfação, como militante de política de esquerda, (por) achar injusta determinadas posições tomadas diretamente com alguém, e quando as mesmas pessoas que julgam esse alguém tem outro alguém para julgar (...).”

“Não considero o *impeachment* da Dilma um *impeachment*, considero um golpe parlamentar que, agora, por exemplo, virou golpe judicial, no sentido de impedir a candidatura de Lula (...). Eu me senti revoltada, revoltada mesmo com esse negócio.”

“Eu sou um cara extremamente patriota, sou republicano da gema. Regime presidencialista. Nem sou comunista, nem sou fascista, nem sou budista, nem.... Eu sou republicano. (...) Eu fiquei arretado, indignado com esse fi (filho) duma égua desse parlamento, desse Congresso corrupto, mentiroso, cínico, safado, arrumar... porque depois, posteriormente, eu soube que essa trama foi programada na Fundação Ulisses Guimarães.”

“A motivação política e social, de me sentir profundamente agredido por uma quadrilha de bandidos que tomaram o poder ilegalmente. Pela minha consciência de que realmente existe um golpe.”

“Eu pretendia há muito tempo escrever, por conta da situação política que eu não concordava, essa coisa aí da destituição, que na verdade foi só uma consequência do golpe.”

“O impulso emocional do fato. Eu achava que ela estava sendo posta para fora da presidência por uma injustiça. (...) É o fato emocional e o clamor da população, do povão.”

“Primeiramente, a manifestação política, que eu sempre tive uma aproximação maior com a política (...) e eu gosto de fazer o cordel sobre os acontecimentos.”

Analisando as respostas, é possível observar que as motivações, em sua maioria, são do plano emotivo, ou um “impulso emocional”, portanto subjetivo. O poeta-repórter parte de uma indignação, resultado de uma situação de injustiça e, “arretado”, oferece a

sua versão em relação à destituição da presidente. Não obstante a perda de uma suposta objetividade jornalística, para apresentar uma narrativa que vai ao encontro da “insatisfação” de um leitor igualmente “indignado” ou “agredido”, que “não concordava” com o *impeachment*.

Ainda sobre a motivação para escrever o poema, aparecem mais discretamente nas respostas indicativos relativamente racionais, que apontam para um poeta-repórter consciente de seu papel, seja como alguém que tem “motivação política” de militante, seja como quem deseja se manifestar como cidadão na esfera pública e, ali, brigar por um lugar de fala, onde caiba a sua narrativa.

2. Em que a sua versão sobre a destituição da presidente difere da versão apresentada pela imprensa tradicional?

“A minha versão sobre o *impeachment* de Dilma não difere da grande maioria dos jornalistas conscientes e independentes. Aqui nós temos dois muros jornalísticos cobrindo determinadas coisas, um interessa diretamente ao grupo jornalístico, àqueles que receberam ajuda do Estado para manter suas grandes empresas e ainda têm dispensa dos impostos.”

“Na imprensa eles dizem que foi um *impeachment*, e para mim não teve nada de *impeachment*, porque não houve motivo nenhum para *impeachment*. Foi um golpe, um golpe, vamos dizer assim, um golpe parlamentar comprado.”

“A grande diferença é que eu falo a verdade e a mídia é mentirosa, é safada, é cretina e é cínica.”

“Difere, que criminosos julgaram a presidente comprovadamente sem crime. Não estão fazendo a coisa certa, porque eles cometeram um crime, e julgaram uma presidenta que não cometeu um crime.”

“A diferença está que eu coloco as causas, detalhadamente, o que está por trás do Golpe. Ela passa a dar mais uma alinhavada e coloca na cabeça do povo, e eu, no meu caso aqui, tenho determinados momentos em que faço os questionamentos, em que coloco a minha opinião.”

“O julgamento do povo, eu represento o julgamento do povo. Esclarecendo se o povo está certo, se a imprensa está correta, quais são os pontos corretos e se existe algo incorreto. Eu faço uma análise.”

“Acho que a forma de dizer, a maneira de contar, é que vai fazer com que haja um interesse pela leitura.”

Sobre a diferença entre as versões apresentadas pela literatura de cordel e pela imprensa, o poeta-repórter da amostra, em sua grande maioria, se coloca como um narrador do golpe, e não do *impeachment*. Posiciona-se em patamar ético superior ao de uma mídia que “é mentirosa, é safada, é cretina”, ao lado de “jornalistas conscientes e independentes”, e com a prerrogativa moral de representar “o julgamento do povo”.

Do ponto de vista da construção da narrativa, o poeta-repórter do cordel coloca-se como autor de conteúdos mais amplos e mais profundos, ao afirmar “coloco as causas” ou “faço uma análise”, e de uma “forma de dizer” mais fácil para a leitura.

3. Que versão você acha que vai ficar para a história - de *impeachment* ou de golpe?

“É... a história dirá. Creio que em pouco tempo, mas poderá demorar bastante. (...) Portanto, eu espero que este dia da revelação chegue e não demore muito. Para a gente saber realmente quem estava certo.”

“Eu acho que vai ficar que foi golpe. Porque eu vejo que está diminuindo, no Brasil, o povo que acreditava no *impeachment*.”

“O golpe. (Que) Foi o golpe do Congresso. Isto é, os meliantes da Câmara e do Senado, e dos ministérios e da Justiça, e da baixa da égua, eles se juntaram para derrubar, para dar o golpe.”

“Para história vai ficar a versão de golpe jurídico, midiático, parlamentar. Mas na cabeça das pessoas vai ficar, boa parte, aquela do se foi golpe ou não foi golpe, e uma parcela menor vai ficar aquela que não foi golpe, assim como hoje ainda tem gente que acha que não houve guerrilha no Araguaia, que acha que não houve ditadura militar.”

“Pela martelada, pela martelagem do assunto, vai ficar para a história que foi um golpe. Um golpe parlamentar.”

“Vai ficar que a destituição da Dilma foi um golpe. (...) Houve um golpe. Daqui há mil anos..., é um golpe, foi um golpe.”

“Houve um golpe de Estado, houve um golpe planejado, (...) com um disfarce, uma capa, com o destino de afastar a presidente através do impeachment. Ou seja, o golpe criou o *impeachment*.”

Não obstante reconhecer a participação da chamada grande mídia na consecução de uma opinião pública favorável à destituição - como se verá nas respostas a seguir -, o poeta-repórter acredita que a posteridade reservará um lugar para a versão de “golpe do Congresso”, dos “meliantes da Câmara e do Senado, e dos ministérios e da Justiça, e da baixa da égua”, de “golpe jurídico, midiático, parlamentar”, com que corrobora, em detrimento da versão de *impeachment*.

“Daqui há mil anos..., é um golpe, foi um golpe”, afirma peremptório um respondente, frente ao relativo ceticismo de outro à espera de que a “revelação chegue e não demore muito”. A descrença faz par com a dúvida plantada por um golpe “planejado, (...) com um disfarce, uma capa”, “aquela do se foi golpe ou não foi golpe”. Só “a história dirá”.

4. Qual é a sua opinião sobre a participação da imprensa no processo de destituição da presidente?

“A imprensa vai ficar fazendo o joguinho de agrado enquanto tiver sendo beneficiada numa parte. Vai falar todos os dias, criando, levando para uma coisa banal, fazendo críticas sem dar objetividade, sem dar caminho.”

“A grande imprensa, que puxa o cordão, ela foi golpista. (...) Ajudou no golpe que deram na Dilma e agora eles estão ajudando no golpe que vai impedir a candidatura do Lula.”

“A imprensa, a maioria foi a favor do golpe. Agora, aqui e acolá a gente via jornalistas fantásticos, corajosos.”

“O papel da mídia, da imprensa, principalmente da televisão foi fundamental. Eles apoiaram e ainda hoje estão aí, desde quando começaram os protestos, que desencadeou aquelas jornadas de junho, e depois os protestos dos patrões, dos caminhoneiros, e os coxinhas e os amarelos, e tudo isso com o apoio da mídia.”

“A minha opinião é que ela de fato colaborou, e mais, como algumas, por exemplo, a Globo colabora mais.”

“Ela ajudou muito, ajudou muito mesmo, deu guarida ao *impeachment*, deu força ao *impeachment*. Veículos de comunicação de peso do sul do país. Essa foi a postura da imprensa, ela se enquadrando nessa temática.”

Os entrevistados são unânimes na percepção que têm de que a imprensa, ou a “grande imprensa, que puxa o cordão”, foi total ou parcialmente “golpista”, postura observada “principalmente da televisão”, onde “a Globo colabora mais”. O apoio se deu, segundo o poeta-repórter, abertamente “desde quando começaram os protestos, que desencadeou aquelas jornadas de junho” ou pelo exercício de um jornalismo “banal, fazendo críticas sem dar objetividade, sem dar caminho”.

Considerações finais

O presente artigo abordou o tema da literatura de cordel como mídia informativa. Teve como objeto de estudo as representações que fazem os poetas-repórteres autores de folhetos que abordaram a destituição da presidente Dilma Rousseff, sobre a mídia informativa cordel frente aos meios tradicionais, bem como sobre o papel que tiveram como atores de uma cobertura jornalística, frente a participação da imprensa no referido episódio.

Numa revisão bibliográfica sobre o cordel como mídia informativa, apresentou os folhetos de circunstância como dispositivo midiático relativamente invisibilizado, alternativo e de resistência. Em seguida, abordou os critérios de noticiabilidade e o fazer jornalístico dos poetas-repórteres, no que concerne à escolha das pautas e à elaboração das narrativas. E, finalmente analisou as representações destes autores.

Foram considerados como amostra os poetas-repórteres de oito folhetos publicados no estado do Ceará, entre 2017 e 2018. A estes foram apresentadas quatro questões: 1. O que o levou a escrever o cordel? 2. Em que a sua versão sobre a destituição da presidente difere da versão apresentada pela imprensa tradicional? 3. Que versão você acha que vai ficar para a história - de *impeachment* ou de golpe? 4. Qual é a sua opinião sobre a participação da imprensa no processo de destituição da presidente?

As respostas permitiram responder a contento a pergunta de partida, sobre o que pensam os poetas-repórteres acerca da atuação que tiveram na cobertura da destituição, frente ao papel exercido pela imprensa tradicional. E, finalmente, aferiram validade à hipótese inicialmente levantada de que os poetas-repórteres têm consciência do papel político que desempenharam na disputa de narrativas, ou de versões, entre *impeachment* e golpe.

O trabalho se encerra não como um texto acabado ou definitivo, mas como um conjunto de pistas para novas investigações sobre a mídia informativa cordel ou sobre a destituição da presidente Dilma Rousseff enquanto notícia.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: em estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

(BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

(BRASIL/MINISTÉRIO DA CULTURA. **Cordel**: literatura, diversão e informação. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset_publisher/waaE236Oves2/content/cordel-literatura-diversao-e-informacao/10883. Acessado em: 18/05/2018).

DIAS, Karcia Lúcia Oliveira; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Aconteceu virou cordel**: analyze of cordel about Getúlio Vargas's death based on the light of likelihood. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2014v19n41p1/28288>. Acessado em: 18/05/2018.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Folhetos e jornais: uma análise comparativa do ponto de vista do leitor.** IN: MENDES, Simone (Org.). Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel.** São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas de. **História da literatura de cordel: período de formação.** Fortaleza: FGV, 2015.

TENÓRIO, Carolina Martins; BARBOSA, Cleiton Garcia; ASSIS, Regiane Alves de. **Literatura de cordel como fonte de informação.**
http://www.fespsp.org.br/sic2012/papers/2011/BIB/literatura_de_cordel_como_fonte_de_informacao.pdf. Acessado em: 18/05/2018.